

Eu imigo de mim

a
imagem
age
(Augusto de Campos)

O grafite "se deixou definir como uma manifestação de 'arte' - e este é seu principal problema (...) a partir daí, institucionalizou-se a apropriação de um espaço que é o da transgressão, diminuindo-o" (José Resende). Diluidor, sabemos, designa para Pound, o escritor que, vindo depois do inventor e do mestre, não é tão, cap/aud/az. E a regra do espaço poético - inversamente à diluição - é saber romper o espaço da regra (Marino)

A catarse , o palimpsesto e o grafite são consanguíneos. A catharsis (tanto na tragédia de Aristóteles quanto em Breuer/Freud) traz a sala de visita o porão. O Palimpsesto qual um lapsus linguae, é papiro ou pergaminho escrito, lavado ou raspado e reescrito sem que a mensagem indesejável de todo se oculte. Do palimpsesto dir-se-á - pelo olho de Angelo de Mai - que, ao exibir o visível (o que é para ser visto), em si revela uma intuição (o invisível), pela qual o visível se vela. I grafite - não os que se arrogam obra de arte mas enquanto pichação, bricolagem a várias mãos anônimas e marginais, poderiam ser observados como palimpsesto em paredes ou catharsis coletiva.

Esta exposição inverte aquele processo diluidor: traz para a ordem (as sala de exposição) o entrópico (o porão do pintor). Um Aflorar, óbices relaxados, de um repertório - só aparentemente - descosido, desconexo, condensado e inerme. Repertório - ícones, índices, símbolos que lembram o grafite- esse que por se saber transgressor, estava relegado ao espaço individual onírico. SCIENS/NESCIS, como escreve Pe. Vieira, Atualizado na voz de Augusto de Campos, SCIENS (mas ninguém viu anagrama) NESCIS.

"Eles estão cegos aos significantes
Só veem significados"

Esta estética de Fernando Augusto poderia ser entendida como um nescis (id) que se quer sciens (ego), casando Vieira com Freud (ou Jung, melhor partido). É então oportuno nos perguntar com Sá de Miranda, trazendo-o para o contexto lyotardiano, na crise da legitimidade dos discursos (sciens), da pós modernidade:

Comigo me desavim
Fui posto em todo o perigo
Não posso viver comigo
Nem posso fugir de mim
(...)
Agora já fugiria
De mim se de mim pudesse
Que meo espero ou que fim
(...)
Pois que trago a mim comigo
Tamanho imigo de mim?

Olympio Pinheiro, Londrina-PR, 1992

Doutor em sociologia da arte, ensaísta e professor da Universidade Paulista UNESP, Bauru.